

PAINEL DE ECONOMIA E TENDÊNCIAS EMPRESARIAIS

PAINEL DE ECONOMIA E TENDÊNCIAS EMPRESARIAIS

JULHO
2ª Quinzena

04

OPINIÃO

*Reposicionando a educação:
da formalidade para o contexto.*

09

ECONOMIA INTERNACIONAL

*México: Nova liderança, perspectivas
políticas e econômicas.*

05

PIB E CONFIANÇA

Nuvens carregadas vindas de Brasília!

11

GOVERNANÇA E SUSTENTABILIDADE

Os desafios da primeira gestão.

07

MERCADO DE TRABALHO

*PNAD/M aponta taxa de
desemprego de 12,70%.*



Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2018	2019
PIB (% do crescimento)	1,50	2,50
Produção Industrial (% do crescimento)	2,96	3,00
Inflação - IPCA (%)	4,15	4,10
SELIC	6,50	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	54,93	58,00
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,70	3,68
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	57,81	49,30
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	70,00	74,65

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

16/07

Relatório Focus (Bacen)
 Balança Comercial - Semanal Julho-2018 (Mdic)
 IPC-S IPC Julho-2018 (FGV)
 IGP-10 Julho-2018 (FGV)
 IBC-BR Maio-2018 (Bacen)

18/07

Fluxo Cambial -Semanal (Bacen)
 IPC-FIPE Julho-2018 (FIPE)
 IGP-M 2ª Prévia Julho-2018 (FGV)

20/07

IPCA-15 - Julho-2018 (IBGE)

Reposicionando a educação: da formalidade para o contexto?

Adelar Hengemühle*



À medida em que a sociedade do conhecimento avança em todas as dimensões, cada vez mais se abre o vão que separa a educação conhecida como formal e as necessidades que as pessoas e as instituições vivem no contexto. O atual modelo educacional praticado em larga escala, principalmente no Brasil, ainda está preso ao modelo industrial do século XVII no qual era necessário ter expertise para dar conta de tarefas manuais, seja no meio da indústria, na produção agrícola e nas demais formas organizacionais da sociedade. A informação era restrita. Poucos eram os privilegiados reconhecidos como autores e detentores de conhecimentos. As informações geradas eram vistas pelo coletivo como referenciais da verdade.

Nesse modelo se consolidou a concepção educacional ainda presente. Nele havia atores, denominados professores, detentores do armazenamento de potenciais informações que eram transmitidas a outros atores, denominados alunos, que, por sua

vez, as armazenavam e se habilitavam a um diploma após terem dado provas de que eram capazes de repetir em momentos oportunos a maior parte das informações. Ou seja, tal e qual ocorria nos meios produtivos e sociais.

No entanto, à medida em que os estudos sobre a mente humana e sobre a compreensão da vida como um todo avançam, esses modelos entram em crise. Em pouco espaço de tempo as sociedades mais desenvolvidas perceberam que cada pessoa detinha infinitas possibilidades de criar, inovar, empreender, que existiam múltiplas formas de resolver problemas e que as verdades conhecidas eram limitadas, abriu-se uma nova era de desenvolvimento para a humanidade.

A partir dessas concepções, em especial da metade do século passado para cá, em todas as dimensões da vida, passamos a experimentar transformações nunca antes vistas. Novas invenções, formas de se comunicar, tecnologias mais sofisticadas, enfim tudo podia novamente ser questionado, revisto,

recriado e inovado. Nos meios de produção, em especial nos países desenvolvidos, novos modelos de gestão começaram a ser implantados, nos quais o melhor aproveitamento das habilidades e competências de cada pessoa se tornou a grande estratégia. De atores que repetem de forma fragmentada o que outros criaram, passou-se para a necessidade de cada um ser autor, sendo capaz de criar, inovar e empreender, tendo visão sistêmica e, cada vez mais, preocupação com a sustentabilidade da vida.

Essa realidade passou a exigir também novas concepções e modelos educacionais. De um conjunto de informações previamente definido (currículos, conteúdos...), isolado da realidade externa, a ser transmitido, decorado e repetido; incorporou-se a realidade que precisava ser continuamente refletida e compreendida. Havíamos, portanto, novamente alcançada a possibilidade do resgate da essência humana que, por natureza, necessita investigar, querer saber por que as coisas são como são, com o desejo de criar e inovar. Assim, o foco da educação passou de um mero decorar e repetir para o foco que tem como objetivo maior exercitar a mente dos estudantes para que aprendam a pensar e a aprender sempre.

No entanto, aqui encontramos o descompasso. Enquanto a sociedade deu saltos de desenvolvimento nesse sentido, o meio educacional, principalmente no Brasil, parou no tempo, e pior, andou para trás. Isso criou um sério problema, na medida em que os novos profissionais egressos dos centros de formação não estão mais preparados para as necessidades do contexto. Isso exige um esforço muito grande por parte das empresas e instituições em geral, através de treinamentos pontuais e implantação de universidades corporativas, para suprir as limitações geradas por modelos educacionais há muito ultrapassados.

Portanto, urge rever as concepções educacionais, a formação dos professores, a estrutura curricular dos centros de formação e, em especial, as práticas pedagógicas para que, além de resgatar o sentido de ser da educação formal, as escolas, faculdades e escolas de negócios cumpram com sua missão de provocar ao máximo o desenvolvimento da mente, preparando os estudantes para que tenham condições de executar com competência as suas atividades profissionais e para o bem viver na sociedade.

**Adelar Hengemühle é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Possui Pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e é Pós-doutorando na Florida Christian University/Orlando/EUA. Autor de 7 livros, é Diretor Proprietário da Raízes Consultoria, com pesquisas educacionais realizadas na Alemanha, Espanha, Cingapura e Finlândia.*



PIB e Confiança

Nuvens carregadas vindas de Brasília!

*Christian Frederico da Cunha Bundt**



Ainda que com alguns positivos, as notícias não são boas. O Banco Central do Brasil (BCB) divulgou seu Índice de Atividade Econômica (IBC-Br) para o mês de maio/18, o qual aponta que são três meses de queda em 2018 (não consecutivos), sinalizando que uma reversão do ciclo econômico é pouco provável em curto prazo. Essa perspectiva é corroborada pelo Indicador Antecedente Composto da Economia (IACE) entre maio e junho para o Brasil, publicado pela Fundação Getulio Vargas (FGV) e pelo The Conference Board (TCB), que marcou queda de 0,1%. O IBC-Br de maio/18 apontou queda de 3,34%, em relação a abril/18 (dados ajustados). Dos cinco meses do ano, é a terceira queda e a mais expressiva de 2018. Comparado ao mesmo mês do ano passado, o IBC-Br caiu 1,54%. O resultado se equipara ao mês de dezembro de 2016 em nível de atividade.

Outro indicador que ratifica o desempenho recente do IBC-Br e do IACE vem do setor de serviços. A divulgação da Pesquisa Mensal de Serviços, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta queda de 3,8% no mês de maio/18 em relação a abril/18. O mesmo percentual de queda também foi apontado na comparação com maio/17.

A despeito da “culpabilidade” da greve dos caminhoneiros sobre a queda, o IBC-Br revela também a combinação perversa entre falta de ânimo do empresário brasileiro e dos consumidores com a economia e sua recuperação, somado ao receio do indefinido panorama político para as próximas eleições. Tão grande é a celeuma política e a falta de alinhamento ideológico ou de conveniência que, a menos de três meses do pleito, não existem alianças políticas definidas formalmente ou mesmo informalmente. Ou seja, difícil de



fazer previsões, o que é crucial para a economia e para a confiança na economia.

Como o IBC-Br é considerado uma prévia do PIB, guardadas as diferenças de metodologia, prevê-se que o PIB do 2ºT-2018 deverá vir muito próximo do 1ºT-2018 ou mesmo em queda. Na visão dos especialistas consultados para o Relatório Focus, do BCB, novamente decresceu a previsão para o PIB 2018, de ▲ 1,53% para ▲ 1,50%.

Apesar dos pesares, olhando também o cenário mundial, crescimento de ▲ 1,50% no PIB, tecnicamente, ainda é cenário positivo.

Continuemos atentos para a leitura objetiva do cenário!

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial de São José dos Pinhais.*

Mercado de trabalho

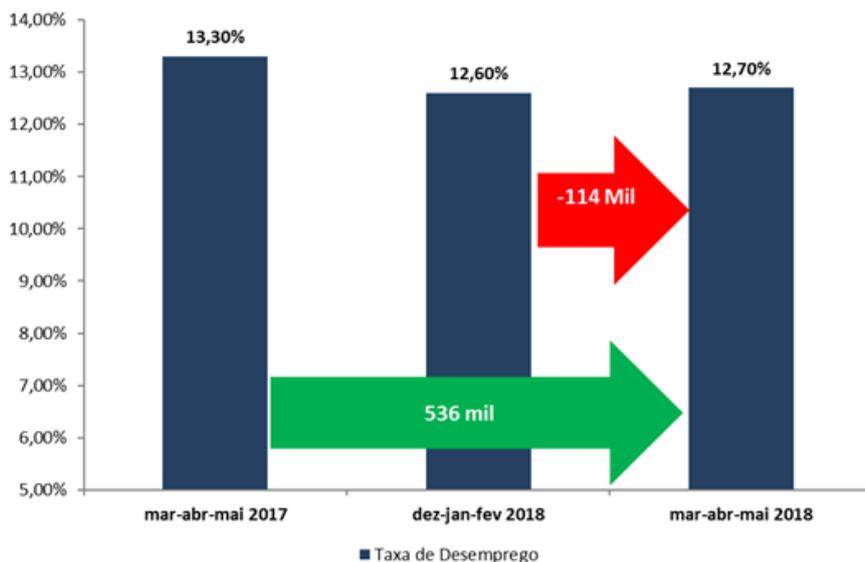
PNAD/M aponta taxa de desemprego de 12,70%

Jefferson Marcondes Ferreira*

No dia 29/06 foi divulgada pela PNAD/Mensal do IBGE a taxa de desemprego no trimestre (Mar-Abr-Mai/2018) de 12,70%. Quando comparado ao trimestre anterior, verifica-se uma alta de 0,10 p.p., aumento de 114 mil pessoas no indesejado número de

peças que deixaram de trabalhar. Ao compararmos com o mesmo período em 2017 verifica-se que houve uma redução 0,6 p.p., algo em torno de 536 mil pessoas que encontraram uma ocupação remunerada, conforme apresentado no gráfico a seguir:

Evolução da Taxa de Desemprego Trimestral (Pnad/Mensal)



A redução da taxa de desemprego em relação ao mesmo período (Mar-Abr-Mai/2017) demonstra que está ocorrendo de forma lenta e gradual a retomada da geração de emprego. Quanto ao trimestre anterior o pequeno aumento da taxa de desemprego, pode demonstrar uma tendência à estabilização, contudo, face ao cenário de instabilidade política e a baixa confiança na economia brasileira, a geração de empregos ainda estará sujeita a variações sazonais. A expectativa é que durante o segundo semestre de 2018 o índice venha a se estabilizar e poderá inclusive melhorar, dependendo dos fatores retomada do crescimento econômico e estabilização política no país.

Mercado de trabalho: Análise da mão de obra ocupada no Brasil (Jan-Fev-Mar/2018)

Partindo dos dados da Pnad/Mensal no período de (Mar-Abr-Mai/18) pode-se verificar que o total de pessoas "aptas a trabalhar", pessoas com 14 anos ou mais que compõem a força de trabalho nacional, teve um acréscimo de 1,665 milhão quando comparado ao mesmo período em 2017, conforme descrito na tabela a seguir:

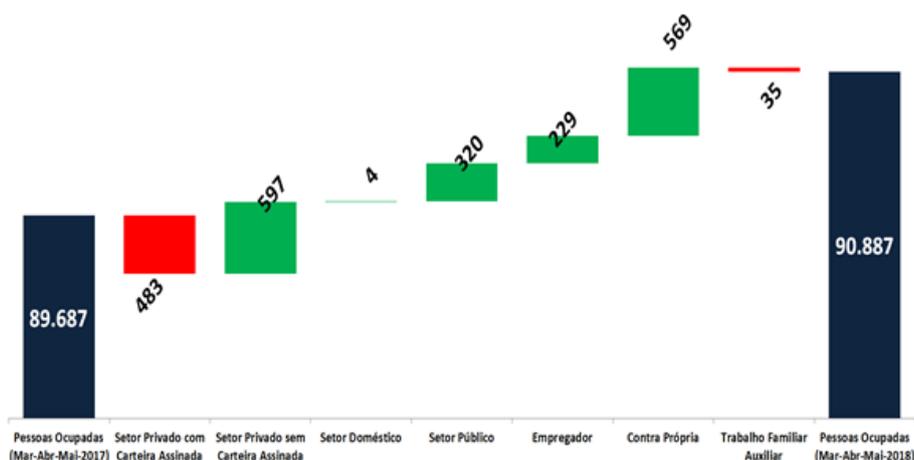
Composição Pessoas Aptas a trabalhar	mar-abr-mai 2017	mar-abr-mai 2018	Δ
Pessoas aptas a trabalhar	167.870	169.535	1.665
Pessoas aptas a trabalhar - empregadas (Milhares)	89.687	90.887	1.200
Pessoas aptas a trabalhar - desempregadas (Milhares)	13.771	13.235	- 536
Pessoas aptas a trabalhar - fora da força de trabalho (milhares)	64.412	65.413	1.001

Fonte: Pnad/M (IBGE) / ilustração: ISAE.

Ao analisar as "pessoas aptas a trabalhar, mas que estão desempregadas" verifica-se que ocorreu uma redução de 536 mil em relação ao mesmo período em 2017. Este movimento é, em parte, explicado pelo aumento da população apta a trabalhar e também pelas "pessoas que estão aptas a trabalhar mas que desistiram de procurar trabalho", bem como pelas pessoas que encontraram ocupação no período analisado, que resultou em um crescimento de 1.200 milhão ou 1,34%.

No próximo gráfico, é demonstrada a variação de vagas entre os setores, no período de Mar-Abr-Mai/17 e Mar-Abr-Mai/18.

Variação das pessoas ocupadas nos setores (Mar-Abr-Mai/2017) e o (Mar-Abr-Mai/2018):



Fonte: Pnad/M (IBGE)/ ilustração: ISAE.



O setor privado com carteira assinada teve uma variação negativa de 483 mil trabalhadores que perderam seu trabalho formal na comparação de Mar-Abr-Mai/2018 com Mar-Abr-Mai/2017, contudo, no setor privado sem carteira assinada apresentou aumento de 597 mil trabalhadores admitidos. Já no setor público houve aumento de 320 mil trabalhadores, o que de certa forma reflete a estabilidade de empregabilidade do serviço público garantida por lei. Quanto ao setor empregador, (dono do próprio negócio) verificou-se um crescimento de 229 mil, no setor de "pessoas que optaram em trabalhar por conta própria" crescimento de 569 mil e no setor trabalho familiar auxiliar, quando o indivíduo complementa a renda familiar com uma atividade remunerada intermitente (muito conhecido como "bico") houve redução de 35 mil. Essa variação constata a degradação do mercado de trabalho brasileiro no período acima analisado, ocasionado pela crise econômica brasileira. Verifica-se que, apesar do número de pessoas empregadas ter aumentado para 90.887 milhões, houve um movimento de migração, principalmente dos trabalhadores com carteira assinada, que buscam como alternativa empreender em atividades próprias como empregador, trabalhando de maneira informal, ou buscando a estabilidade do setor público.

**Jefferson Marcondes Ferreira é economista, especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.*

Economia Internacional

México: nova liderança, perspectivas políticas e econômicas

René Berardi*

O México viveu horas históricas com o esmagador triunfo de Andrés Manuel López Obrador, candidato da coalizão Juntos Haremos História, que obteve 53,7% dos votos das eleições. Apenas 45 minutos após o encerramento oficial das seções eleitorais, seus adversários Ricardo Anaya e José Antonio Meade admitiram a derrota esmagadora. Segundo o New York Times, trata-se de um momento histórico, dado o seu ineditismo.

Já em seu primeiro discurso como presidente eleito, López Obrador chamou os eleitores à reconciliação e à feroz luta contra a corrupção. Segundo a BBC World, o presidente eleito declarou que "o novo projeto da nação buscará uma democracia autêntica e não uma ditadura aberta ou encoberta. As mudanças serão profundas, mas com apego à ordem legal".

Deve ser lembrado que López Obrador é uma ativista social que iniciou sua carreira política em comunidades indígenas no sudeste do país. Nenhum presidente mexicano tem esse perfil. Quem se assemelha a ele nesse aspecto é Lazaro Cárdenas (1934-1940), que promoveu a reforma agrária com o objetivo de



distribuir terras aos camponeses, embora a sua formação fosse estritamente militar.

O New York Times também observa que López Obrador, durante sua campanha, prometeu reduzir seu próprio salário presidencial, bem como aumentar os salários dos funcionários do governo que têm baixa remuneração. Também durante o período eleitoral, prometeu aumentar as pensões para os idosos, bem como bolsas de estudo para o setor jovem e apoio irrestrito aos camponeses.

Um ponto importante será a relação que recém-eleito Obrador desenvolverá com Donald Trump, visto que em uma passagem pelos Estados Unidos acusou Trump de falar com mexicanos como Hitler e os nazistas se referiam aos judeus, o que poderia servir de catálise para o ódio e o neofascismo.

Uma vez oficializada a vitória do candidato esquerdista, o próprio Donald Trump o felicitou e se mostrou disposto a trabalhar em conjunto para o bem dos países que lideram.

Na área econômica, Obrador fez as pazes com os empresários do Conselho Coordenador Empresarial (CCE), pois disse que vai trabalhar com eles para “construir uma agenda para a estabilidade, confiança e desenvolvimento do país.”

Segundo a agência de classificação Moody: “A definição de políticas públicas que poderá desenvolver a administração de López Obrador é incerta para o restante do ano, dado o longo processo de transição política”, assim como “a política energética proposta por ele é preocupante, já que considera uma possível redução do preço dos combustíveis e a revisão dos contratos entre a estatal Petróleos Mexicanos (Pemex) e as empresas privadas”.

Outro ponto que gera mais incerteza é a renegociação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) entre México, Estados Unidos e Canadá, a pedido de Donald Trump. Segundo Trump, em uma conversa entre ambos presidentes se falou da migração, desenvolvimento, pacto comercial e um possível acordo único entre o México e os Estados Unidos. Por sua vez, Obrador propôs a Trump “um acordo global para explorar projetos de desenvolvimento que criam empregos no México para reduzir a migração e melhorar a segurança”.

Segundo estimativas de analistas, a euforia gerada pela grande vantagem nas eleições presidenciais tende a estimular o consumo, que é o maior item do Produto Interno Bruto (PIB), o qual deve crescer entre 2,3% e 2,5% esse ano.

Precisamos esperar, pois além do triunfo histórico, a complexidade das relações entre México e o gigante americano são mais complexas do que parece, pois combina tratados de livre comércio, políticas de segurança relacionadas com a migração e o monumental desafio interno de enfrentar a violência e o narcotráfico.

O México vai precisar muito da ajuda da Nossa Senhora de Guadalupe, patrona do México e da América Latina.

**René Berardi é professor do ISAE. Doutor em Sociologia (UFPR), com experiências como executivo e consultor na OEA, Petrobras, Hewlett Packard, Sebrae e AGA gases.*



Podemos dizer que o estilo de liderança é a personalidade empregada a serviço da realização. Quando a escolha do gestor é adequada as virtudes serão bem percebidas, caso contrário, os defeitos começarão a perturbar o ambiente. A tolerância terá prazo de validade curta. É preciso encontrar o equilíbrio rapidamente, sem comprometer o resultado, a satisfação dos clientes e a qualidade de vida da equipe.

A empresa procura líderes inspiradores, cujas equipes trabalhem cooperativamente, de forma que o Gestor brilhe e de espaço para que seus colaboradores também sejam reconhecidos. Os conflitos ficam evidentes em equipes cujo gestor não dá espaço e cujos colaboradores não são cooperativos.

Talvez a pergunta que o gestor esteja se fazendo é: como obter a equipe ideal? Uma equipe é uma soma de relacionamentos, inteligências, desejos, certezas, dúvidas, etc. Nesse ponto, seria interessante buscar os ensinamentos de Sócrates, no século IV a.C. Em primeiro lugar, ele ensinava que nas relações devemos aplicar o "princípio da antecipação", que significa fazer primeiro = demonstrar. Se queremos ter a percepção daquela atitude, primeiro fazemos. Se queremos cooperação, cooperemos. Assim, a associação de um conjunto de virtudes no mesmo ambiente de trabalho vai construir uma relação de confiança tal, que não deixará dúvidas em nenhum integrante do papel que deve desempenhar.

Antecipar e cooperar vem se unir a uma virtude primordial para o desempenho das equipes e seus colaboradores: a "autonomia". A autonomia é imprescindível para um colaborador realizar, pesquisar, criticar, revisar e responder sobre seu trabalho e assim crescer de forma contínua. E, sempre que não se sentir seguro para tomar qualquer uma dessas atitudes, deverá ser estimulado a fazê-lo pelo gestor e pelos colaboradores mais sêniores da equipe.

Assim como Tite, treinador da seleção brasileira de futebol, que praticou o rodízio do capitão, nas equipes a "representação" tem um significado marcante para o crescimento pessoal e profissional. Envergar a braçadeira é dizer que pertence e representa o conjunto. Quanto mais capitães em campo maior a coesão da equipe. Empregar esse expediente de forma consciente e sistematizada eleva a equipe a um patamar mais alto.

A primeira gestão traz apreensões no núcleo decisório, muitas vezes um ótimo sênior não resulta em um ótimo gestor. Para que as escolhas realmente frutifiquem, a estrutura da empresa precisa estar voltada para apoiar o novo gestor. O que a empresa almeja é que esse gestor se fortaleça, ganhe musculatura e esteja apto a ocupar cargos mais altos na hierarquia. Nesse contexto, a primeira gestão precisa ser formadora de líderes e não ser simplesmente o preenchimento de uma vaga pelo funcionário da vez.

**Arizoly Pinto é Mestre em Economia e Finanças pela FGV, tem larga experiência como executivo de finanças, tendo atuado na gestão de equipes no Banco do Brasil e na Brasilprev Seguros e Previdência.*



PAINEL DE ECONOMIA E TENDÊNCIAS EMPRESARIAIS

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Christian Geronasso

Christian Bundt

Jefferson Marcondes

Jean Toniote

Gustavo Aranha

René Berardi

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande